

TRECHEIROS E PARDAIS: TRAJETÓRIAS NÔMADES¹

Felipe Faria Brognoli*

Os termos TRECHEIRO e PARDAL² são pouco conhecidos por pessoas de fora dos limites da vida nômade e mesmo daqueles que têm com eles algum contato mais direto. Seu uso parece circunscrever-se, em grande medida, aos próprios andarilhos, constituindo assim uma *categoria nativa*. Podemos perceber uma articulação das definições acerca dos TRECHEIROS girando em torno de três eixos principais, igualmente articulados entre si: um eixo

espacial, outro moral e um terceiro temporal. O primeiro deles refere-se ao deslocamento espacial e separa TRECHEIROS e PARDAIS segundo o trajeto percorrido. Estes adotam, geralmente, percursos estabelecidos e relativamente pequenos - dentro de uma mesma cidade ou entre cidades próximas - se comparados aos trajetos dos TRECHEIROS, indeterminados e amplos.

Outro eixo refere-se a uma qualidade moral que associa honestidade e apego ao trabalho aos TRECHEIROS, na voz destes

mesmos, enquanto os atributos opostos são dirigidos aos PARDAIS, referidos como mendigos, vagabundos, ladrões, aproveitadores, "parasitas". A acusação de "parasitismo" aqui ganha relevo particular porque tal termo implica em reconhecer a ausência de movimento e o recurso de viver às custas de outros como estando interligados, o que, para efeitos de estabelecimento de contraste, sugere um acréscimo de valor moral aos que recusam tanto uma coisa, quanto a outra. No entan-

Foto: Felipe Faria Brognoli



to, o **acharque**³ constitui tática central de sobrevivência para ambos e não o trabalho.

O terceiro eixo, que também está associado ao anterior, têm caráter temporal, associando as qualidades morais a um TRECHEIRO "autêntico", personagem pretérito "expulso" do cenário pela violência que se encarna, por vezes, nos TRECHEIROS "modernos".

Servindo de base às representações identificatórias, as relações efetivas com o espaço são suficientes para construir limites ou delimitar territórios que a primeira vista seriam contíguos: os TRECHEIROS que marcam sua diferença por oposição aos PARDAIS, amalgamando critérios espaciais, temporais e morais, vão fundar, na verdade, uma territorialidade própria, conjugando uma série significativa mobilidade-trabalho-honestidade. Unidos, no entanto, pelas linhas de fuga do mundo normatizado, ambos referem-se ao **burguês** - sujeito sedentário/mundo de relações hierárquicas - como novo pólo limite, diferenciador dos territórios. De outro modo, reestabelecem o código do qual pareciam libertos ao apoiar-se em formas tão arraigadas de distinção e classificação. Reterritorializam suas próprias fugas marginais dentro do código de valores da "normalidade".

Os andarilhos, de uma maneira geral parecem habitar livremente o imaginário social, cercados como estão de uma mística acerca de suas razões e modo de existência, geralmente associados a certo ideal de liberdade: fazer o que se quer, ir onde se deseja, não ter compromissos, ser senhor de seu tempo e de seu destino. No entanto, estas idéias nem sempre recebem confirmação no real. As condições de vida dos andarilhos os colocam entre os que precisam articular formas de viver diferenciadas das preconizadas como desejáveis pela "sociedade abrangente". No caso aqui em foco, a particularidade refere-se à construção de um viver nômade, não importando se por escolha própria, ou por contingência.

Seu nomadismo, no entanto, não reside no fato de manter-se constantemente em movimento, mas ao contrário, está na adesão aos locais onde se determina um trânsito constante - a rodovia, as praças e as ruas - e onde ninguém fica, apenas passa. São espaços comunicantes entre pontos,

ou *não-lugares*, conforme a designação de Marc Augé.

Traço nômade por excelência, pois ao recusar-se a deixar o lugar onde os outros não permanecem, recusa também o movimento que define este lugar como espaço comunicante, ancorando-se no intervalo entre os pontos. O nômade, afirmam Deleuze e Guattari, paradoxalmente, é *aquele que não se move*, pois o movimento *designa o caráter relativo de um corpo considerado 'uno', e que vai de um ponto a outro*. (Deleuze e Guattari, 1988: 385). Para o nômade, o espaço **entre** os pontos é que conta, enquanto para o sedentário o privilégio recai, justamente, sobre o ponto. O nomadismo não é nenhum papel ou posição, nem mesmo identidade que os diferentes sujeitos podem assumir, mas uma lógica de ação contra as intromissões hierarquizantes do Estado, podendo abarcar diferentes posições sociais simultaneamente, por ser um vetor que as atravessa.

Para o nômade, a relação com o espaço não é a da apropriação mediada pelo regime de propriedade, mas de ocupação: um espaço localizado e não delimitado, onde o que importa não são os pontos de fixação ou de parada, que no espaço apropriado pela forma-Estado operam como "canaletas" que conduzem o deslocamento, reduzindo-o a uma função comunicante. Todavia é o próprio deslocamento em si que secundariza os pontos e os subordina aos trajetos, ganhando autonomia e direção própria. Aqui os pontos só existem para ser abandonados.

Se o aparato de Estado apóia seu poder político na capacidade de estabelecer redes de comunicação, ou seja, em instituir os caminhos através dos quais se vai de um ponto a outro, em controlar a circulação dos fluxos, em ligar os pontos de modo a determinar um território fechado pelas fronteiras e promover um esquadramento do espaço para dele se apropriar, os nômades podem encarnar uma *máquina de guerra* como potência disruptiva desta forma de organização.

A forma-Estado produz então sedentarização: prevalência dos pontos sobre os trajetos; pensamento circunscrito aos limites do binarismo, da distribuição da realidade em categorias de opostos (ciência de Estado); esquadramento e apro-

priação do espaço. *A máquina de guerra* produz nomadização, que põe de outro modo estes elementos. Porém, ambos se engendram mutuamente e não existem como objetos independentes que em certo momento entram em relação, mas coexistem e competem em interação constante.

Portanto a *máquina de guerra* não é nenhum objeto concreto, mas o *modo de um estado social que conjura e impede a formação do Estado*. (Deleuze e Guattari, 1988: 365), embora possa materializar-se nestas ações que têm como fim um ataque aos princípios de organização da forma-Estado. Daí também a possibilidade de pensar TRECHEIROS e PARDAIS a partir deste prisma, pois o modo de composição de suas vidas é permeado por esta outra lógica que inverte os usos público e privado dos espaços, que se nega a permanecer e busca escapar às capturas institucionais, que faz com que suas relações levem em conta a possibilidade de instauração de hierarquias e mantenham sempre disponíveis instrumentos para evitar que tal estruturação se instale. Seu caráter nômade é claro não apenas pelo "hábito" de deslocar-se constantemente, mas em função de tudo o que isso implica no modo de constituição ou agenciamento dos elementos significativos e de suporte.

Os sujeitos que são arrastados por estes fluxos que não se conformam aos códigos sociais e, simultaneamente, abandonam-se neles, acabam por desembocar naquilo que já recebeu tantos nomes: marginalidade, desvio, liminaridade, quando podemos abstrair agora seus significados específicos para manter aquilo que guardam em comum, isto é, as linhas de fuga que traçam em relação aos núcleos formadores do desejo normatizado. Os que se envolvem por esta "paixão de abolição" tendem a nomadizar-se.

A VIDA NO TRECHO

Organizando seu cotidiano através de táticas diversas, TRECHEIROS e PARDAIS movem-se de acordo com as oportunidades fortuitas, apreendidas caso a caso, deslizando entre regras e valores sociais, tornando aquilo que seria desfavorável em vantagem, isto é, revirando os códigos sociais em seu proveito. Tais efeitos de

apropriação se obtêm através de um *modus operandi* cuja lógica é o emprego de táticas como guia das ações, forma privilegiada de operação para os que ocupam posição de inferioridade, constituindo uma tentativa incessante de retomar ou reapropriar-se do controle a partir deste ponto na hierarquia social. Combate sem trégua, sem objetivo, sem território a conquistar; movidos apenas pela luta em si, por um fazer e desfazer de si e do outro. Dominados sim, mas não passivos ou dóceis, diz-nos De Certeau. Nesse sentido a própria "adoção" do trecho já significaria um passo nesta direção, uma vez que permite aos sujeitos uma fuga da apreensão por certos aparelhos institucionais. Um modo de subversão ao fugir do sistema sem deixá-lo e ao impregnar as coisas com significados estranhos ao sistema que as criou através de seus usos: o poder dos fracos.

Como tática de sobrevivência o trabalho eventual aparece frequentemente ao lado de outras formas menos legitimadas pelos códigos da normalidade, como a mendicância e o furto. No entanto, diferentemente dos migrantes que têm na ocupação o motor de seu deslocamento, para os TRECHEIROS parece ser o trajeto que determina as oportunidades de trabalho e não o contrário, ou seja, o trabalho não é o principal critério adotado como determinante nas escolhas de percurso.

Mesmo apontado como característico da identidade do TRECHEIRO, como afirmado através do eixo moral visto antes, o apego ao labor aparece quase sempre subordinado às exigências de manutenção da mobilidade: trabalho temporário, sem vínculo empregatício, sem registro em carteira profissional. O trabalho eventual é o modo como os TRECHEIROS se apropriam deste que seria uma forma de sedentarização, produzindo nele uma inversão. Ao invés de elo de fixação o que ocorre é que o trabalho se torna um modo de se manter em movimento porque através dele se obtêm recursos suficientes para a subsistência na estrada por um determinado período. Ele será abandonado, mesmo que sejam condições relativamente boas de trabalho, sempre que começa a esboçar-se uma "cristalização" do elo que se assemelha a uma relação continuada e

indefinida a exigir-lhe a permanência num mesmo lugar.

Sendo o trabalho atributo socialmente valorizado pode ser convertido em argumento que empresta certa confiabilidade diante daqueles de quem se quer obter algo. Pequena astúcia que se apropria de um código moralmente estabelecido, tornando-o uma cena no teatro do cotidiano.

Mesmo se consideramos as condições objetivas do mercado de trabalho e o contingente de mão-de-obra estruturalmente excluído e acumulado nas bordas do sistema produtivo, não poderíamos reduzir a existência de TRECHEIROS e PARDAIS a tal quadro, sob pena de não podermos explicar a continuidade na errância daqueles que tiveram a possibilidade de fixar-se através de alguma oportunidade de trabalho. Antes, um conjunto mais complexo de elementos soma-se ao fator material, cuja função seria a de fornecer as condições, por assim dizer, para a fuga marginal e de servir de pretexto para permanecer nela. Há, sobretudo, a recusa em enredar-se nas malhas de uma vida social hierarquizada e na divisão social do trabalho, cumprindo nelas as ocupações inferiores e pior remuneradas.

Outra tática bem sucedida é o pedido ou **manguio**⁴, que revela por trás de suas técnicas, uma compreensão articulada dos códigos capazes de sensibilizar o doador. Também chamado **acharque**, ou ainda de **um-sete-um**⁵, consiste em contar uma história de cunho dramático ou de enfatizar a situação de sofrimento pela qual está passando, onde o elemento principal é a verbalização. O **agá**⁶, diferentemente, envolve normalmente uma teatralização, um engodo dramatizado, quando a história tem função secundária ou até mesmo é dispensada.

É possível considerar tais táticas como verdadeiros instrumentos de "trabalho", se por eles se entende as técnicas usadas para a subsistência e exploração dos recursos disponíveis no ambiente. Esta atividade não se encerra, no entanto, em seus fins práticos de sobrevivência, mas tem também um caráter simbólico ou expressivo por constituir um exercício de poder, onde se põe alguma possibilidade de sair-se vitorioso no jogo social onde normalmente estariam em desvantagem.

Por mais paradoxal que pareça, a pobreza ou a falta de recursos materiais acumulados não impede a organização de sistemas de comércio. O que está em jogo nessas transações não é a acumulação dos bens, mas a formação de redes de solidariedade que garantam a circulação dos objetos necessários à sobrevivência, onde o sujeito receberá também sua parte quando precisar em razão da reciprocidade. Tal relação de mutualidade é sempre provisória e dependente de uma série de fatores, alguns bastante circunstanciais, mas promove um *alargamento do espaço social na dimensão (...) dos circuitos de troca aos quais eles estão ligados*. (Condominas, 1977: 24).

Os sistemas de trocas materiais entre os andarilhos e entre eles e outros grupos com quem têm contato, permite o estabelecimento de alianças através da circulação de bens e da prestação de favores, mesmo que tais alianças tenham caráter extremamente lábil.

Os discursos afirmam a fraternidade e o compartilhamento das poucas posses, como as roupas, objeto extremamente significativo que aparece muitas vezes como índice de desprendimento absoluto e de amizade, sintetizados numa fórmula comum de ouvir nas ruas: "dou a ele a roupa que trago no corpo". Como expressão simbólica, esta disposição em abrir mão da última propriedade restante - as roupas que usa, permanecendo apenas com aquilo que lhe é irredutível, o próprio corpo - demonstra o arrebatamento com que os sujeitos se engajam em suas redes de relações, embalados por uma ideologia da vida igualitária. A ajuda mútua, a desistência de heranças, a dilapidação de reservas de dinheiro ou objetos mais valiosos em favores aos companheiros, festas e cachaçadas, vêm reforçar uma vantagem compensatória na sua condição de existência: a igualdade, oposta ao mundo hierarquizado e competitivo dos que "têm". Mas a racionalidade e o pragmatismo deste sistema podem ser quebrados a qualquer momento. De uma hora para outra pode-se esquecer o compromisso firmado, roubar a quem o ajudou, abandonar o companheiro em momento de perigo, trair sem remorsos. Lembranças amargas da vida no trecho, das quais todo TRECHEIRO ou

PARDAL pode contar algum episódio.

Dadas as dificuldades de armazenamento e transporte dos pertences e a precariedade de sua posse, tudo o que excede a capacidade de consumo ou de garantia da propriedade, ou ainda, que contenha maior valor de troca e com ele se possa ganhar algum dinheiro, pode tornar-se "mercadoria" e é posto rapidamente em circulação: roupas, calçados, comida, bebida, drogas, cobertores, objetos de adorno. Alguns obtidos através da doação, outros por furto e outros ainda encontrados no lixo, mas de pouco valor, servem geralmente para as trocas internas ao grupo, enquanto os de maior valor alimentam os negócios com pessoas de fora dele (artesãos, pequenos comerciantes, outros grupos marginais etc).

De fato, a posse de muitos objetos se transforma, sobretudo, em uma carga excessiva para transportar, dificultando a mobilidade. A quantidade ideal de objetos para transportar é aquela que cabe no galo⁷. Por outro lado, é a própria manutenção da mobilidade que garante aos andarilhos a obtenção dos recursos. É em favor do movimento, portanto, que o acúmulo de objetos torna-se indesejável. Somado a isto está a facilidade de granjear os itens relacionados à subsistência (comida e água) e a reposição de outros (roupas, calçados, cobertores etc.). Tem-se assim uma certa "segurança" quanto à satisfação das necessidades fundamentais. O trecho pode ser, então, visto como lugar de abundância ao qual recorrem os que não têm garantias de sobrevivência em seu lugar de origem. Há também períodos de maior dificuldade, mas estes estão condicionados a momentos em que as condições climáticas são desfavoráveis, como o inverno ou períodos de chuva que impedem o deslocamento, ou ainda a passagem por locais desertos, sem habitações ou estabelecimentos comerciais.

UMA GUERRA SEM FIM

Marcadamente anti-hierárquica, a dinâmica das relações entre os andarilhos parece estar a todo momento zombando da autoridade, destituindo-a pelo confronto violento, pela ridicularização ou pelo engodo, num esforço contínuo de sabotagem das intromissões estruturantes do Estado.

Verdadeira *máquina de guerra*, TRECHEIROS e PARDAIS conformam em suas relações uma *sociedade contra o Estado*, organizando táticas para fazer frente a este poder encompassador.

Obviamente tal padrão relacional não suprime o estrutural, mas mantém com ele relações que estão por ser melhor discriminadas, imprimindo um ritmo contraditório e fragmentário ao conjunto destas relações. De qualquer modo, a dinâmica estabelecida nelas demonstra um constante levante contra a possibilidade de instauração definitiva de uma chefia que se desdobre em hierarquização. Manter-se em guerra é uma maneira de abjurar esta formação normativa, um *mecanismo coletivo de inibição que mantém a dispersão e a segmentaridade dos grupos* e impede a *instauração de poderes estáveis em benefício de um tecido de relações imanes* - um modo "mundano" de estruturar as relações com os pares nos bandos, onde se procede *por difusão de prestígio mais do que por referência a centros de poder* (Deleuze e Guattari, 1988: 365). A este aspecto "político" soma-se a "estrutura econômica" que preconiza a circulação dos bens, impedindo a acumulação material e, em consequência, de poder.

As relações cotidianas entre os PARDAIS não é menos tensa do que entre os TRECHEIROS. Mediada pelo álcool, elemento de sociabilidade privilegiado em torno do qual quase tudo acontece no seu dia-a-dia, tais relações incorporam a cadência bipolar própria dos estados etílicos. Manifestações incontidas a extremadas de afeto e ódio imprimem uma teatralidade nos encontros pelas ruas.

O GORÓ⁸

Sempre presente, o álcool é elemento principal nas relações e em torno dele muitas atividades cotidianas são organizadas. A tarefa do *mangucio* tem por objetivo primordial obter dinheiro para comprar bebida, uma vez que a comida é conseguida sem gastos. A dependência manifestada pela maioria dos andarilhos impele os sujeitos a uma busca contínua pelo álcool a fim de inibir os sintomas de abstinência que, em sua forma mais exuberante, estão representados pelos "ataques" ou convulsões. Não poderia esquecer o envolvimento

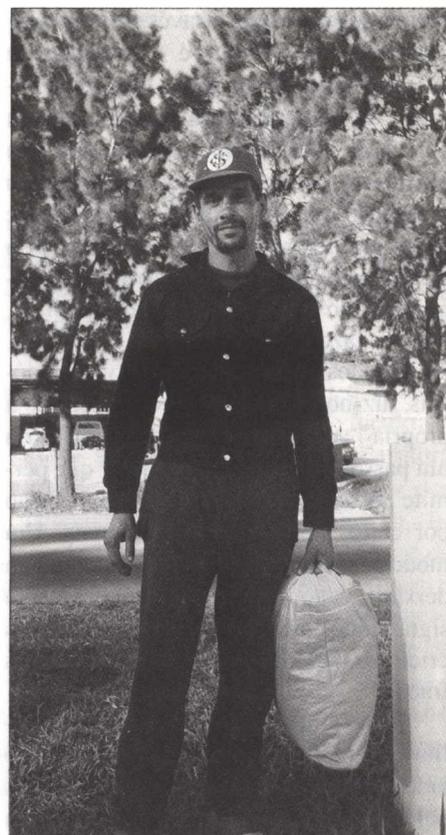


Foto: Felipe Faria Brognoli

constante do álcool como fator "causal" apontado pelos entrevistados, dada sua capacidade de provocar rupturas nas relações familiares ou dificultar a permanência prolongada nos empregos. É ele também quem determina muitas das caminhadas pelas ruas da cidade em busca de um local onde se possa conseguir bebida por um preço mais barato - o que por vezes mobiliza uma rede de informações para que se o localize bem como para o seu consumo.

A necessidade do álcool não se reduz, no entanto, às exigências postas pela dependência, mas se amplia como suporte da vida cotidiana desenrolada em público - redução da inibição -, como máscara para o desempenho dos papéis (no *acharque* por exemplo); como "anestésico" das condições duras da vida na rua - o frio, a fome e as lembranças ruins - e como reforçador dos laços interpessoais, sempre flutuantes e que, por sua vez, refletem a dinâmica ciclótica dos efeitos da bebida.

AS AGÊNCIAS NORMATIVAS

Os TRECHEIROS, como de resto aque-

les que representam a transgressão de certos códigos que demarcam comportamentos julgados aceitáveis, podem ser apreendidos segundo o signo da alteridade. Por representarem o Outro, a relação que com eles se estabelece deve procurar exercer controle e instituir barreiras contra o "perigo potencial" que representam. Daí a necessidade de marcá-los com uma identidade passível de ser incluída em fórmulas homogeneizadoras, utilizadas tanto pelo senso-comum, quanto pelas agências responsáveis pelo seu atendimento (assistência social, serviço de saúde, polícia etc.). As políticas sociais destinadas a estas populações têm dupla tarefa. Por um lado, devem prestar assistência à sua clientela, esforçando-se por reduzir-lhe o sofrimento, ao mesmo tempo que criam a necessidade de sua própria existência, prestando serviços que só elas podem fornecer (institucionalização do dom). Por outro lado, atuam repressivamente, tentando disciplinarizar a clientela. Em ambos os casos a ação repousa sobre uma noção de (re)integração da pessoa através de seu "tratamento" e supõe que as pessoas que assistem aspiram a um mesmo estilo de vida e têm as mesmas necessidades.

Entretanto, TRECHEIROS e PARDAIS não são presa fácil para as armadilhas institucionais. Com elas travam um combate sutil que, por vezes, assume as feições de uma aceitação dócil da disciplinarização travestida em caridade para, em seguida, zombar com estardalhaço dela.

Indesejáveis nas cidades por onde passam, as prefeituras têm mantido a prática de facilitar aos TRECHEIROS a manutenção de seu deslocamento através da concessão de passagens ferroviárias ou rodoviárias, ou ainda, de algum tipo de auxílio em dinheiro, seja pela atuação formal do Serviço Social, seja pela doação direta de prefeitos, políticos ou pessoas ligadas ao poder público. Há circunstâncias em que tais práticas são vantajosas aos TRECHEIROS, pois lhes permite manter-se em movimento quando desejado.

A polícia é outra instituição com quem TRECHEIROS e PARDAIS relacionam-se frequentemente, sendo que ela ocupa nesta relação um papel duplo: ora como elemento de repressão e vigilância sobre as populações nômades, ora como elemento

de auxílio e proteção. A polícia também desempenha importante papel na mobilidade dos andarilhos em sua função repressiva ao ameaçá-los de prisão por vadiagem ou suspeita, ou mesmo quando exercem a força para expulsá-los das cidades ou de certos locais onde sua presença não pode ser tolerada. Ao mesmo tempo e sob certas circunstâncias, ela pode integrar a "rede de apoio" ao deslocamento dos andarilhos.

O trecho pode significar também a possibilidade de escapar de circuitos marginais organizados mais violentos, nos quais a própria polícia é parte integrante, seja na cumplicidade da corrupção, seja nas ações repressivas e de "combate ao crime". Circuitos nos quais os integrantes das camadas mais empobrecidas podem ver-se envolvidos mesmo contra sua vontade, dada a fórmula corrente em nossa sociedade que funde, quase automaticamente, o pobre ao bandido.

As ações normativas do Estado podem dar-se também através de organizações e estabelecimentos de assistência. No caminho do TRECHEIRO aparece sempre um destes estabelecimentos: hospitais, albergues, centros de tratamento etc. Seus percursos passam por dentro deles e TRECHEIROS e PARDAIS demonstram poder recriar neles seu jogo de subversão ao impregná-las com significados que lhes são estranhos e fazendo-lhes um uso peculiar. Sempre em movimento próprio, não se deixam apreender nas malhas institucionais, mesmo quando não é este o objetivo declarado, recusando-se a serem "movimentados" pelo ritmo alheio. Permanecem nelas o tempo justo, ou quase, até que "algo" os "chama" de volta para o trecho.

De um modo geral, as instituições por onde passam TRECHEIROS e PARDAIS, configuram estágios intermediários em seu deslocamento. Provendo recursos e oportunidades, servem aos viajantes como modo de suporte da mobilidade, preparando-os para novos percursos. Ao mesmo tempo, produzem sua clientela e são produzidas por ela, numa aliança contínua mas efervescente de conflitos.

As astúcias da vida no trecho exigem dos caminhantes um constante jogo com as regras morais que conhecem e das quais compartilham, sem dúvida, enquanto, com a outra mão, articulam um modo de vida

divergente delas. Ambiguidades que marcam não apenas os andarilhos, como também outros segmentos da marginalia.

Composição multifacetada, caleidoscópica, com vértices pontiagudos que nos incitam e incomodam, as astúcias da vida no trecho apenas deixam entrever uma parte do universo fragmentado que se desprende dos caminhos trilhados pelos andarilhos. Este trabalho recolheu alguns destes trechos, procurando não lhes desbastar as pontas.

*Felipe Faria Brognoli é mestre em Antropologia Social/UFSC e graduado em Psicologia.

NOTAS

- 1- Este artigo tem por base pesquisa realizada pelo autor no período de janeiro a agosto de 1994, compreendendo três etapas: a primeira nas ruas e praças do centro de Florianópolis; a segunda, ao longo da BR 101 em bares, restaurantes e postos de gasolina, locais de parada dos trecheiros, entre os municípios de Palhoça e Biguaçu, ao sul e ao norte de Florianópolis, respectivamente. Por fim, a terceira etapa foi realizada na Fundação Rural de Educação e Integração em Curitiba, instituição ligada à Prefeitura Municipal daquela capital, que dá assistência à população de rua.
- 2- Trecheiros são andarilhos que não restringem seus percursos, antes, percorrem todo o país e alguns países vizinhos sem planejá-los e sem deter-se por muito tempo em nenhum lugar. Já os pardais percorrem trajetos mais restritos, mantendo-se nos limites de uma cidade ou entre cidades vizinhas. Chamam-se pardais porque, como estas aves, não se distanciam muito de seus ninhos.
- 3- Pedir dinheiro contando uma história. O dicionário Aurélio registra o verbo *achaque*, podendo tratar-se, suponho, de uma corruptela.
- 4- O mesmo que acharque.
- 5- História contada para obter algo. Refere-se ao artigo do Código Penal relativo ao crime de estelionato.
- 6- Cena representada para obter auxílio ou dinheiro.
- 7- Mochila que o trecheiro carrega.
- 8- Bebida alcoólica, cachaça.

BIBLIOGRAFIA

- CLASTRES, Pierre
(1988) *A Sociedade Contra o Estado*: pesquisas de Antropologia Política. 4a. edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- CONDOMINAS, Georges
(1977) "Pour une définition anthropologique du concept d'espace social". *ASEMI*, VIII, 2.
- DE CERTEAU, Michel
(1994) *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes.
- DELUZE, Gilles e GUATTARI, Felix
(1988) *Mil Mesetas: capitalismo e esquizofrenia*. Valencia, Pre-textos.
- STOFFELS, Marie-Ghislaine
(1977) "Os Mendigos na Cidade de São Paulo" *Estudos Brasileiros*, v.2. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ZALUAR, Alba
(1994) *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*, 2a. edição. São Paulo, Brasiliense.